



 Museu
Nacional
dos Coches



NORBERTO NUNES

Exposição de Pintura e escultura

Sala de Exposições
Temporárias

Março / Setembro 2022

“Quem ousa raptar os clássicos de forma furtiva, ficar com eles durante algum tempo e acabar por devolvê-los com a maior das inocências? Norberto Nunes. “

Este é o texto que abre a última exposição de Norberto Nunes no Museu dos Coches, “E vós, Tágides minhas...” numa singela homenagem aos 450 anos da 1ª edição de “Os Lusíadas”.

Pintura, escultura e diversos objectos contam-nos a história da epopeia épica, narrada por Luis de Camões, numa explosão de cores, formas e combinações.

Mas é o grande painel que nos arrebatou o olhar. Com 10 metros e pondo o pé em cada um dos 10 cantos do livro de “Os Lusíadas” é uma visão arrebatadora de personagens, que tal como na grande obra nos visitam, revisitam e se entrelaçam num enredo de surpresas e fantasia.

Aqui, Norberto Nunes dá largas à imaginação e abraça todo o tema da sala.

Quer seja nas 10 guitarras pintadas que acompanham o mesmo mote como quem canta uma fado comum, porque ao destino de sucesso de epopeia deve juntar-se o do povo.

Quer seja no jogo de xadrez gigante que simula, num suspense mudo e expectante o encontro de Vasco da Gama com o célebre Samorim de Calcutá .

Falta falar de outras telas retratando cenas mais esquecidas da grande obra quinhentista. E de retratos que, à maneira de Norberto Nunes, deixam cair um pouco a sonoridade épica da sala e nos piscam o olho algo ingenuamente, como se eles próprios, não se levassem muito a sério.

São cerca de 20 obras mas parecem muitas mais. Esta é uma exposição na qual os grandes heróis sussurram segredos a outros mais esquecidos pela mitologia e, mantendo o maior respeito e admiração pela obra mãe, geram milhares de novas conversas. Porque são dez os grandiosos cantos de Camões. E são dez vezes dez as pequenas histórias que aqui se contam.



CANTO I & II

Aqui invoca-se “o Concílio dos Deuses” que decidirão sobre a ajuda aos portugueses nesta jornada. Estes, que já se encontravam no oceano Índico, no momento, acabam mesmo contra a vontade de Baco de ser ajudados por Deuses e Ninfas que lhes proporcionam ventos brandos e melodias.

Já no segundo canto, os mesmos deuses impedem que a frota portuguesa caia nas mãos inimigas dos mouros em Mombaça.

“Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via-Láctea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.”

...

“Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o céu tinha por amigo:
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso já passavam,
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.”

...

“Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.”

“Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.”



Museu
Nacional
dos Coches



CANTO III & IV

O Canto III é dedicado a Inês de Castro, um dos episódios mais marcantes da história nacional. O episódio relata o assassinato de Inês de Castro, em 1355, pro ordem do rei D. Afonso IV e que segundo diz a lenda foi coroada rainha depois de morta por D. Pedro.

No Canto IV, podemos observar o “Velho do Restelo” que simboliza todos aqueles que ainda hoje auguram maus presságios e que surgem sempre que alguém ousa desafiar o desconhecido.

*"Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.*

...

*"Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?"*

*"Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.*

...

*"A gente da cidade aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós coa virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.*



**Museu
Nacional
dos Coches**



CANTO V & VI

Aqui, o Adamastor, uma personificação do Cabo das Tormentas e da passagem do ocidente para o oriente, é também uma visão, uma superstição, uma alucinação mas acima de tudo uma ode à coragem dos navegadores pois representa o temor ao desconhecido. E o triunfo sobre os próprios medos.

No Canto VI, Baco um inimigo recorrente ao sucesso da jornada, tenta mais uma vez junto dos Deuses impedir que esta alcance os seus desígnios.

*"Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.*

...

*"Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
Com um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.*

*Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas coisas, mas entrando
Nos paços de Netuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
As portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino d'água o Rei do vinho....*

*"Ó Netuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também com os grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal, que toca a todos."*



Museu
Nacional
dos Coches



CANTO XII & XIII

Esta parte do Painel, representa a chegada de Vasco da Gama à Índia e aos seus encontros, desencontros e conversas com o Samorim de Calcutá bem como de uma análise sobre os objectivos da viagem e das suas verdadeiras motivações.

*Na praia um regedor do Reino estava,
Que na sua língua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava,
E num portátil leito uma rica cama
Lhe oferece, em que vá, costume usado,
Que nos ombros dos homens é levado.*

...

*Desta arte o Malabar, destarte o Luso
Caminham, lá para onde o Rei o espera:
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera.
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar: mas no tempo já passado
Na torre de Babel lhe foi vedado.*

*Falar ao Rei gentio determina,
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se se espantasse,
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,*

*Resposta do Gama
Isto assim dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Mallométrico ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o Rei cuidava,
Com uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vênus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:*





CANTO IX & X

A Ilha dos Amores, representa a recompensa a que todos os heróis têm direito. Um sítio idílico, o repouso merecido e belas ninfas por companhia. Representa também a narrativa da missão bem sucedida e a profecia de outras que estão para vir.

O último Canto encerra o final da epopeia e o regresso à pátria, onde os feitos de todos os navegantes serão assinalados em monumentos eternos.

*Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.
Algumas doces cítaras tocavam,
Algumas harpas e sonoras flautas,
Outras com os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.*

*Assim lhe aconselhara a mestra experta;
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar-se deixam na água pura,*

*Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, pera a pátria amada.»
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquece.*

*Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua pátria e Rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.*





10 GUITARRAS PORTUGUESAS
PINTURA A OLEO
PRODUZIDAS POR ACP-INSTRUMENTS





"AS ARMAS
E OS BARÕES ASSINALADOS"
JOGO DE XADREZ





"ENTRE OS DEUSES
NO OLÍMPO CONSAGRADO"
ÓLEO/TELA
150X130

